



M... não era aguardado pelo cabeça de lista por Castelo Branco e pelo presidente da Câmara local, criticou o Governo por, segundo disse, nada ter



na re- mente cerca de ai feito em favor da população da zona e afirmou que só o CDS levou à Assembleia da República o problema vivido naquela região.

«ceptividade»

ESQUERDA É
ESQUERDA
Louçã

importante desta campanha seja que os votos vão ser contados daqui «a oito dias».

O LIBERALISMO E O FUTURO (DOS LIBERAIS...)

Por JOÃO MARTINS PEREIRA (*)

Não há tantos anos como isso, até o CDS acarinhava a transformação futura de Portugal numa sociedade sem classes e votava alegremente o Artigo 1.º da Constituição. Quem não era, então, ou se dizia, «socialista»? Mas pouco tardou para que Soares, ou seja, o próprio Partido Socialista, anunciasse «meter o socialismo na gaveta» e passasse a sonhar apenas com as delícias europeias e, naturalmente, americanas. E dessas paragens nos vieram, com o atraso do costume, como sempre tudo tem vindo, os nossos ventos ideológicos: o liberalismo era a nova «palavra de ordem». E hoje dir-se-ia que «somos todos liberais», como se alguma vez, e em alguma sociedade, pudessemos todos ser qualquer coisa — a não ser, simplesmente, seres humanos... Entre nós, os mais pacóvios chegam a pensar que «esquerda liberal» é uma novidade, como se não tivesse sido liberal a única esquerda que existiu, com essa designação, durante mais de meio século, e a única esquerda «institucional» durante quase um século!

Resumindo: que espécie de «nova ideologia» é esta? É quantas coisas diferentes quer dizer «liberalismo» ou «ser liberal» (tantas, se calhar, como «socialismo» ou «ser socialista» naqueles tempos de 74)?

Não cabe neste limitado espaço fazer a história do liberalismo ou da «ideia liberal». Mas importa, ainda que muito sumariamente, ir buscar às origens, por forma a diferenciá-los, os vários vectores que hoje nos surgem propositadamente confundidos. Pois se liberalismo é a «ideologia da(s) liberdade(s)», há que saber de que liberdades se fala, qual foi o seu percurso, quem por elas se bateu.

O primeiro liberalismo moderno foi aquele que se opôs à tutela do poder religioso (de Roma) sobre o pensamento individual. Dessa original liberdade de pensamento (com a sua parente próxima: a tolerância face às diferenças de crenças e ideias) decorreu, como era inevitável a apetência para «explicar o Mundo» ou «a Natureza» sem recorrer às Escrituras ou aos dogmas: a razão e a experiência fundaram, com Descartes e Bacon, a ciência moderna. E, enfim, o próprio poder político, a que já Maquiavel aplicara uma «razão laica», vem, com Locke, a ser definitivamente dessacralizada («des-divinizada»); a organização da sociedade é uma «construção de homens», ao poder compete velar pelas regras consensualmente instituídas para que os «direitos naturais» possam ser exercidos dentro dos limites impostos pela vida em sociedade.

Tudo isto constitui a matéria do imenso debate intelectual do século XVIII. Os «filósofos» iluministas são verdadeiramente os primeiros intelectuais modernos (como bem assinalará, mais tarde, Tocqueville). Mas quem, finalmente, «prepara» o século XIX — a Revolução Francesa (com que, historicamente, se pode dizer que «vira» o século), as lutas de «libertação e unificação nacional» na Europa, o capitalismo industrial, enfim, a «ideia socialista» — são Rousseau, por um lado (político, social) e Adam Smith, por outro (economia). O direito de propriedade, a «mão invisível» do mercado, a liberdade de iniciativa no domínio económico — numa palavra, o «liberalismo

económico» — constituem o objectivo fundamental dos dirigentes das revoluções liberais, as verdadeiras conquistas das burguesias triunfantes. Todos os restantes «direitos políticos e sociais» dos cidadãos — o liberalismo político e social — terão de ir sendo duramente arrancados aos novos senhores. Exemplos: nos mais avançados países europeus só na segunda metade do século XIX se conquista o sufrágio universal (masculino!), só nos anos 1880-85 se conquista o direito de constituir sindicatos, só em 1918 o direito às oito horas de trabalho, nos anos 30 do século XX as férias anuais, enquanto o direito de voto das mulheres data dos anos 20 (e nalguns países é recentíssimo). Muitas destas, e muitas outras, vitórias foram já obtidas em nome do «socialismo», contra os «liberais» do poder, do negócio, do dinheiro.

Numa palavra: liberalismo económico e liberalismo político e social são coisas distintas, quase sempre em conflito e reivindicadas por forças sociais opostas. Ainda hoje se verifica que os regimes políticos economicamente mais liberais são os politicamente mais autoritários: o Chile e a Coreia, é claro, mas também Reagan e Thatcher. Mas, mais do que isso, o liberalismo económico não passa, efectivamente, da «ideologia» dos que hoje gostam de se reclamar do pragmatismo e do «fim das ideologias»: o poder político não hesita em violar os rigores supostamente «científicos» da teoria liberal, pois ele tem o seu próprio «mercado», que são as suas clientelas e, periodicamente, os seus eleitores. O que seria da indústria americana sem as encomendas do Estado (o Pentágono, a NASA), cuja intervenção se defende que deve ser «mínima»? O que seria Cavaco sem o aparelho da administração e as empresas públicas para colocar os seus vorazes seguidores? Quando Cavaco diz que «não se podem esperar soluções efectivas da ideologia de Direita que confiem cegamente no jogo do mercado», ele que é obviamente o chefe de fila da Direita portuguesa, isso só significa que sabe cuidar do seu «mercado político» e que, por isso, tem de colocar algum do seu «liberalismo na gaveta». Mas isso não o impedirá, como aos seus modelos anglo-saxónicos, de se atacar às liberdades políticas e sociais, sobretudo se tiver as mãos livres uns anos... até se aproximarem novas eleições.

No meio disto tudo, o que pensam, o que são os nossos «teóricos liberais»? São, muito simplesmente, sobretudo os mais conhecidos, apenas homens que, vindos de uma juventude irrequieta e quantas vezes «radical» e «revolucionária», vêm na sua adesão à nova moda ideológica os sinais do futuro, ou seja, da sua futura carreira (política... e económica). Por isso mesmo eles estão hoje quase todos na órbita de Cavaco ou de Soares, os trunfos mais seguros. Mas a dança está longe de ter acabado. Não vale a pena levá-los muito a sério.

De facto, só a Esquerda que não se diz liberal sabe do que está a falar quando fala de liberdades: é disso, no concreto, que tem sido feita a história de todas as suas batalhas.

(*) Engenheiro, sem filiação partidária